



LABORATÓRIO DE SENTIDOS: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE CONCEPÇÃO SOCIAL PARA AGUÇAR A PERCEPÇÃO E HUMANIZAÇÃO NO RELATO DA NOTÍCIA

Gibran Luis Lachowski¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma perspectiva de ensino do jornalismo pautada numa concepção social, de valorização do interesse público e humanização da narrativa dos fatos, em contrapartida a um modelo mercadológico e imediatista, prevalente no Brasil. Destaca uma experiência pedagógica pautada na potencialização dos cinco sentidos (olfato, tato, audição, visão e paladar) – “laboratório de sentidos” –, desenvolvida com estudantes do curso de Comunicação Social (habilitação Jornalismo) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)\campus de Alto Araguaia, com vistas a agregar sensibilidade ao ferramental de apuração de dados, fortalecendo o teor de responsabilidade social da profissão frente à objetividade mecanicista repercutida pelo padrão hegemônico de como fazer.

PALAVRAS-CHAVE: *Apuração Jornalística; Concepção Social; Humanização da Narrativa; Interesse Público; Laboratório de Sentidos.*

¹ Graduado em Comunicação Social (habilitação Jornalismo) e mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)\campus de Cuiabá. Professor do curso de Comunicação Social (habilitação Jornalismo) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)\campus de Alto Araguaia e integrante do grupo de pesquisa “Comunicação, Cultura e Sociedade”, linha “Jornalismo, Sociedade e Política”, da mesma instituição. E-mail: prof.gibranluis@gmail.com

Introdução: cenas e significações

Cena 1: o professor chega em sala de aula. Pede aos estudantes que se espalhem pela faculdade. Dá-lhes 10 minutos para percorrerem corredores, pátio, banheiros e descreverem no papel tudo o que enxergarem. Recomenda olhar metódico, concentração, detalhamento.

Cena 2: de volta à sala de aula. Acadêmicos se interrogam sobre o que há nos pacotes em cima da mesa. A curiosidade aumenta quando são orientados a fechar os olhos e estender as mãos. Tensão com o despejo das primeiras gotas de uma substância não-identificada. O olfato é acionado para tentar descobrir que cheiro é aquele, qual a sua composição. Aspiração demorada, de um fôlego só; susto, repulsa, riso, alívio.

Cena 3: são 11 horas da noite. No meio do pátio pouco iluminado, de pé, estudantes são incentivados a perceber os sons que os rodeiam. Roncos de motos. Rodas de carros passando por cima da grama, do cimento, do cascalho. Vozerio de universitários saindo das salas de aula. Música sertaneja que vem da papelaria em frente à instituição. O piado das corujas. O coaxar dos sapos.

Essas são algumas cenas condizentes com a proposição de uma dinâmica pedagógica denominada “laboratório de sentidos”, que procura aguçar o uso dos cinco sentidos humanos em disciplinas de cursos de Comunicação Social/Jornalismo como forma de ressaltar o casamento entre a busca pela objetividade factual e a captação de elementos da subjetividade humana. Por meio de baterias de exercícios desenvolvidos em salas de aula, corredores, pátios e arredores da universidade os estudantes são colocados diante de situações em que precisam descobrir objetos, descrever gostos e cheiros, identificar vozes, imprimir novos olhares sobre ambientes conhecidos e cotidianamente utilizados. Completam a dinâmica socializações sobre percepções despertadas e produção textual.

Justifica-se partilhar tal experiência pelo fato de propor a ampliação do ferramental de apuração de dados via valorização da dimensão sensitiva, advinda de um conceito de notícia pautado pela responsabilidade social e pela humanização do relato noticioso, contrapondo-se à indiferença da rotina produtiva mecanicista, e num fazer

jornalístico enquanto meio de transformação social em vez de reprodução de padrões orientados pela mentalidade-índice-de-audiência (BOURDIEU, 1997).

Entende-se que desse modo se contribui para uma formação universitária que questione modelos jornalísticos matizados pelo aspecto mercadológico e aperfeiçoe o conjunto de procedimentos técnicos da profissão, podendo produzir, por extensão, benefícios para a comunidade em geral, na medida em que novos jeitos de conceber e fazer são colocados em andamento, extra-academia, na execução do trabalho noticioso.

Justifica-se externar essa experiência de ensino-aprendizagem também por se tratar de um fruto de uma *práxis* pedagógica de cunho crítico e humanístico, baseada numa concepção de educação que se alicerça na compreensão de que um docente não tem como dizer que sua atuação é neutra, porque mesmo a indiferença ou uma autoproclamada imparcialidade pode corroborar com a manutenção de um estado de coisas, portanto fortalecendo uma visão em detrimento de outra(s). Mais maduro, transparente e positivo para o ensino-aprendizagem é fazer uma leitura crítica acerca da ambiência educativa, do contexto em que está inserida e das relações que produz no transcurso desta dinâmica, associada à pedagogia popular, que prediz:

[...] não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. [...] Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. (FREIRE 1996: 102-103)

Essa *práxis* pedagógica discorda frontalmente da mera transmissão de conhecimentos, do distanciamento entre professor e estudante, da obsessiva preparação dos alunos para o mercado de trabalho e da adequação de comportamentos, estéticas, linguagens, posturas e pensamentos ao ambiente profissional e ao gosto dos espectadores. Conecta-se com uma posição explícita em defesa de uma sociedade composta de sujeitos protagonistas de suas condições sócio-históricas, passível de se desenvolver a partir de valores como democracia participativa, comunicação dialógica, o respeito aos múltiplos saberes, a partilha de conhecimentos, o questionamento e superação do individualismo, consumismo e exploração socioeconômica.

Ensino do jornalismo e interesse público

Explica Melo (1994) que, apesar do histórico ligado à burguesa circulação de ideias, sobretudo a partir do século XVIII, na Inglaterra – de cunho econômico-corporativo mais que de aspecto multifacetado e estímulo ao amplo debate –, o jornalismo relaciona-se ao interesse público, via carapaça discursiva ou efetiva *práxis*.

Da Europa, essa perspectiva irradiou-se para os Estados Unidos e, por volta da década de 1950, a partir de técnicas jornalísticas (tendo o *lead* como ícone) e ideário capitalista, ganhou a maquinaria noticiosa e engendrou diferentes posicionamentos no meio acadêmico no Brasil, de adesão, rejeição e ajuste (LOPES, 1989: 14).

Resultante de embates gerados pela globalização socioeconômica, sentida com maior evidência no Brasil a partir da década de 90 do século passado, o ensino universitário do jornalismo vivencia desde então contrastantes perspectivas, incluindo a derrubada da necessidade do diploma para o exercício da profissão, conforme decisão do Supremo Tribunal Federal em 2009. Entre elas: formação de mão de obra para o mercado de trabalho, de viés hegemônico; formulação de crítica social; desenvolvimento de empreendedorismo engajado a projetos econômicos convencionais; ampliação da concepção de mídia e capacitação para atuar em veículos comunitários, alternativos, anti-hegemônicos, populares, assim como criá-los; virtualização dos procedimentos de ensino-aprendizagem e de profissionalização; uso de novas tecnologias como potencialização pedagógica a serviço do interesse público.

As contrastantes perspectivas repercutem nos meios midiáticos em geral, porém a que defende o engajamento social e luta simbólica contra o *status quo* se nota em veículos alternativos e populares. As iniciativas contidas nesse espectro ideológico que mais ganham visibilidade são as ligadas à *internet*, pela facilidade de montagem, baixo custo, amplitude de difusão, acesso e repercussão. “Cada um deles (*blogs*, *sites* e redes sociais) se soma ao ‘bando de marimbondos contra os rinocerontes’, este movimento no campo das comunicações que também pode ser chamado de guerrilha informativa (ROVAI, 2007: 127).

Academia e campo profissional, portanto, interligam-se e digladiam acerca de compreensões fundamentais, como no caso de o que seja o interesse público e qual a sua

relação com a dinâmica noticiosa. Tais questões incomodam estudiosos e jornalistas há décadas e promoveram esforços de pesquisa destacáveis, como o que foi feito com profissionais da área e público em geral de 1997 a 1999, nos Estados Unidos, com três mil pessoas em 21 encontros. Entre as conclusões finalidades dos jornalistas: “[...] fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar. [...] A imprensa funciona como um guardião, tira as pessoas da letargia e oferece uma voz aos esquecidos” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004: 31).

Isso significa que as lealdades às quais respondem os jornalistas – às fontes, aos colegas, à categoria, aos chefes, à empresa, à carreira, à sociedade – devem estar submetidas a uma delas. “E não deve haver ambiguidade na resposta: no exercício da profissão, por mais importante e legítimas que sejam todas as demais lealdades, elas devem estar sempre submetidas à lealdade à sociedade (MARTINS, 2005: 33).

Sob esse entendimento recorre-se a Kotscho (2005: 8), que assinala a importância do jornalismo na ação do repórter, pois “[...] sua tarefa não se limita a produzir notícias segundo alguma fórmula ‘científica’, mas é a arte de informar para transformar.”

Verdade factual e apuração jornalística

Tão reconhecida quanto o compromisso do jornalismo com o interesse público é a concepção de que o trabalho noticioso deve se pautar pela lida com a realidade, no sentido de ocorrências de fato e suas implicações. Fazer jornalismo é expor acontecimentos, interpretá-los e opinar sobre eles, sustentando-se na seleção, ordenação e nomeação de eventos, primando pela precisão, para garantir efeito de realidade, oposto à ficção (ainda que se possa usar uma roupagem inventiva, via, por exemplo, “jornalismo literário) (LAGE, 2004: 19-20).

Essa compreensão, aferrada à realidade concreta, não impede o profissional de se engajar em causas sociais e partir da lógica do cidadão e não da das autoridades, desde que haja rigor na apuração, possibilitando coerência na edição, veiculação e administração das repercussões (LOBO, 2012: 23).

Tchékhov (2007), em metanarrativa de trabalho jornalístico em 1890-1891 sobre a ilha de Sacalina, prisão de trabalhos forçados na costa oriental da Rússia, recomenda, na

apuração, deslocar-se constantemente, dosar planejamento e acaso, aceitar convites para diferentes ocasiões. Vistoriar locais sem aviso em horários de funcionamento (para conhecer-lhes os sistemas sem máscaras), atentar para boatos e verificar se procedem. Sentir sabores e buscar detalhes (procedências e composições químicas), prestar atenção aos sons que compõem o cotidiano, reconhecer pelo tato alimentos, móveis, vegetação. Consultar múltiplos escritos, guardar papéis comuns, dar às entrevistas tom de conversa, contar, medir, pesar (TCHÉKHOV, 2007: 35-80).

Hersey (2002), numa das mais conhecidas reportagens da contemporaneidade, sobre os efeitos da bomba atômica lançada em 31 de agosto de 1945 pelos Estados Unidos sobre Hiroshima, que matou cerca de 100 mil pessoas e feriu porção semelhante, vale-se da técnica do perfil jornalístico, a partir de entrevistas em profundidade com seis sobreviventes da explosão. Trabalha como minúcia o ambiente emocional durante a catástrofe, as horas e dias que se seguiram. Menciona os tipos e cores das roupas usadas no momento da explosão, movimentos reativos, cenas vistas pelos sobreviventes. Cita diálogos travados naquelas circunstâncias, distâncias precisas entre onde estavam os entrevistados quando foram surpreendidos pela bomba e o epicentro do estrondo (HERSEY, 2002: 7-47).

Imbuído de espírito investigativo, o jornalista tem condições de avaliar inconsistências de primeiras versões e perseguir a verdade factual em vez de apenas fazer relatos superficiais e só depois apurar detalhes. Também, publicar acusações após examinar provas ou indícios e ouvir partes envolvidas, pois o que dá *status* de notícia à denúncia é a fundamentação e não o potencial de escândalo (NOBLAT, 2008: 51-53).

Essa conduta, responsável e sensível, pode ser incrementada sob o viés da associação entre pesquisa quantitativa, aparato tecnológico a técnicas antropológicas (qualitativas). Lança-se luz no modelo etnográfico (qualitativo), que oportuniza mudança na construção da pauta, ainda que no padrão industrial, com novas informações, perspectivas e concepções, se houver um “mapeamento preliminar de temas, fatos e situações e evitando uma excessiva rotinização da cobertura jornalística em eventos e fontes previsíveis” (FRANCISCATO, 2006: 10-12).

Corroborando com essa discussão, Mülhaus (2007) faz uma densa análise sobre um dos expedientes jornalísticos de obtenção de informações, a entrevista em

profundidade, ancorando-se em técnicas usadas por profissionais. A autora chega a um volumoso elenco de tópicos, entre eles: uso de bebidas alcoólicas como acompanhamento, estimulando entrevistado a “se soltar”; colocação do entrevistador também como protagonista, fazendo considerações; reprodução de respostas incluindo reações inesperadas; tom de bate-papo; aproximação gradativa de assuntos delicados.

Proposição pedagógica – relato de experiência

O “laboratório de sentidos” – nome dado pelo caráter de experimentação –, foi realizado no curso de Comunicação Social (habilitação Jornalismo) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) *campus* Alto Araguaia em 2012 em três ocasiões: com uma turma do 4º semestre, disciplina Reportagem e Redação II, em 16 de abril; outra, do mesmo semestre e matéria, em 04 de outubro; e mais uma, do 3º, Reportagem e Redação I, em 07 de novembro. As produções textuais, conectadas com o “laboratório”, ocorreram entre abril e dezembro de 2012, com algumas publicadas após o período letivo, incluindo janeiro de 2013.

O primeiro procedimento-padrão consistiu em explicar aos estudantes a conexão do laboratório com o trabalho jornalístico: aguçamento da percepção com desenvolvimento de entrevistas, apreciação do ambiente de coleta de dados, investigação de denúncia, caracterizações físicas e psicológicas das fontes.

Buscou-se nos laboratórios estimular os cinco sentidos com a realização de exercícios semelhantes, divididos em dois momentos: o de captação de dados e, ao mesmo tempo, registro por meio de anotações; e o de socialização em meio à turma, passível de indagação e complementação de colegas e do professor.

Para incentivar o uso jornalístico da visão, pediu-se que observassem e anotassem o que viam nas salas de aula onde estavam, nos corredores da instituição (Unemat, que em Alto Araguaia tem três cursos – Comunicação, Licenciatura em Letras e Licenciatura em Computação), no pátio da frente (de saída), valorizando tamanhos, extensões, cores, dimensões, quantidades (de pessoas, colunas, cadeiras etc), estados de conservação (de janelas, portas, pisos, entre outros).

Quanto ao paladar, foram usados produtos frequentes nas refeições cotidianas ou de valor barato –, como chocolate, mel, mostarda, gengibre, castanha-do-pará e farinha de mandioca. Os estudantes foram orientados a ficar de olhos fechados enquanto recebiam os alimentos até o início do registro das características percebidas.

Diante da verificação de que os aspectos ressaltados eram, geralmente, sintetizados pela menção de ingredientes e alguns adjetivos macro, como “doce” e “picante”, os universitários eram estimulados a detalhar, subdividindo os apontamentos e buscando novos elementos. Houve percepções mais precisas, sobre sensações (“cremoso, gorduroso, amargo”), ingredientes (“amendoim”, “ameixa”, “coco”, “morango”), consistências (“compacto”, “esfarelado”, “com calda”, “abiscoitado”)

Essa fase teve dois momentos: o de degustação e registro (com destaque para a intensa troca de informações entre os estudantes, como forma de saberem o que se havia sentido na experimentação e de que forma se procederia à descrição); e o de socialização, com abertura de espaço para perguntas e ponderações de colegas. Houve considerações coletivas para cada produto provado.

No que diz respeito ao olfato, também se valeu de materiais fáceis de conseguir, já existentes em domicílio, como perfume masculino (forte), perfume feminino (doce), produto de limpeza de residência, ameixa, erva doce e desodorante para os pés. Pediu-se que, de olhos fechados, cheirassem-nos. Os universitários sentiram os odores e registraram as impressões (no papel e de olhos abertos ou a partir de relatos orais a colegas que efetuavam as anotações) e depois socializaram com todos. Foi possível perceber algumas técnicas (recursos) para se aproximar de uma descrição mais precisa, como: esfregar as mãos, cheirar repetidas vezes, pedir uma nova porção do produto.

No que tange à audição, colocou-se CDs de música para perceberem não só o que dizia a letra, mas também para notar tom da melodia, ritmo, instrumentos usados, efeitos sonoros de adendo (ex: utilização de aparelho de mixagem). O exercício contou com momentos de escuta e socialização. Optou-se também por joguetes em que estudantes eram desafiados a descobrir na sala autores de frases, expressões, palavras, assovios, tossidos e gritos. E, ainda, situados no pátio central da universidade, no horário de término das aulas (às 23h), pela menção dos sons de entorno, como: ronc

das motos; ligação de motores dos carros; barulhos decorrentes de atritos de pneus de veículos com cimento, cascalho e grama; coaxar dos sapos; piado das corujas.

Os exercícios referentes ao tato se valeram de materiais pegos do chão, da rua ou de restos de construção, como gravetos, pedras, pedaços de madeira, azulejo e tijolo. Foram limpos e tiveram pontas aparadas para evitar acidentes. Como nas demais sequências, houve reconhecimento\registro e socialização. O exercício foi feito em duplas: o tatear ocorreu de olhos fechados e as anotações, escritas pelo colega. Notou-se um conjunto de recursos para apreender as características dos materiais entregues, entre eles: deslizar levemente a palma da mão sobre o objeto; tocá-lo com mais firmeza; apertá-lo; esfregá-lo, para perceber tamanho, peso, aspereza, porosidade, compactação.

Mergulho na socialização

O procedimento para externar as informações levantadas pelos estudantes ultrapassou a leitura das anotações, caracterizando-se por complexos registros e um intenso fluxo de conversação. Evoluiu para a associação simbólica, instigando a subjetividade, como se viu na narrativa da universitária Brenda Carvalho, do 4º semestre, sobre um dos corredores da universidade, com paredes, piso, teto e portas brancas, “íguais a de um hospital”, lido durante a aula.

Alguns estudantes registraram um tipo de postura não dimensionada para a realização do laboratório, mostrando seu potencial de complexificação. Vários deles sentiram-se observados, analisados e questionados por olhares enviesados, comentários em voz baixa, risos discretos e indagações. Foram levados a um deslocamento de posição (de discretos observadores a centros de atenção) e a uma reflexão sobre si próprios, enxergando-se como integrantes de um processo e não membros externos.

Também pela socialização dos dados foi possível notar o nível de afetação dos acadêmicos com as próprias descobertas. Isso ficou explícito ao dizerem que ficaram surpresos em ver pela primeira vez um cartaz, uma placa, um trinco de porta diferente há muito integrante daquela estrutura que frequentam diariamente. Outra ocorrência marcante foi que alguns acadêmicos trouxeram elementos descritivos com mistura de

sentidos, mostrando o natural intercâmbio das percepções e das composições da realidade (ex: olfato-tato, “cheiro ardido”; visão-tato, “pequeno e abafado”).

A mediação do professor se deu com a função de valorizar o material levantado pelos universitários e de provocar neles a responsabilidade de burilar o uso da percepção jornalística. Diante do registro de que havia na sala de aula “duas janelas com alguns vidros quebrados”, indagava-se: “Quantos exatamente?”. Dispondo-se de condições imediatas de se buscar a resposta, pedia-se um novo olhar, com mais atenção, e a resposta (“Dois”). E situações similares: “Uma sala...” (“De quantos metros quadrados, aproximadamente?”), dando passos de uma parede à outra e multiplicando comprimento por largura); “Estudantes pelo corredor” (“Conversando, rindo, fumando, dançando, comendo?”); “Música sertaneja” (“De raiz, ‘universitária’?”).

Marcas perceptivas

Após o “laboratório de sentidos” foi possível notar algumas marcas textuais em materiais jornalísticos desenvolvidos pelos estudantes que denotassem tentativas de incorporação do ferramental de apuração. Em reportagem sobre o asilo de idosos de Santa Rita do Araguaia\GO, cidade vizinha a Alto Araguaia, a estudante Vanessa Giroldi descreve o ambiente físico e como se movimentam os moradores, conta o número de pessoas e dimensiona um objeto, conforme se verifica em postagem no *blog* da Agência Júnior de Jornalismo Focagen, do curso de Comunicação da Unemat²:

Eles fazem as refeições em duas mesas. Uma delas tem capacidade para mais de dez pessoas; a outra, para seis. A maioria dos idosos precisa de auxílio para se alimentar. A mesa maior se destina às pessoas que ainda conseguem andar e se sentar. A menor não tem cadeiras, pois são adequadas para idosos que se locomovem com cadeira de rodas. (GIROLDI, 2012)

A universitária Nair Carvalho, em reportagem sobre as vidas que levam prostitutas e travestis que trabalham em casas noturnas de Alto Garças\MT (distante 67 km de Alto Araguaia), por meio de uma metanarrativa, inserindo-se na cena, menciona horário, detalhes do visual e do ânimo de uma das garotas de programa. Trecho do texto: “Quando a reportagem chega à boate para fazer a entrevista, às 14h40, Eliane

² Disponível em: <<http://focagen.wordpress.com/2012/12/20/asilo-em-santa-rita-acolhe-doentes-e-abandonados/>>. Acesso em: 26/04/2013.

(nome fictício) está se ‘preparando para a noite’. Ela faz as unhas, pintando-as de vermelho escuro. Está bem à vontade e sorridente”. O material está em fase de conclusão para veiculação no *blog* da agência.

Incumbida de contar o que se passa na Unidade Prisional de Alto Araguaia, aluna Carmem Amorim, acompanhada quase todo o tempo pela chefia da repartição, aproveita momento menos controlado para registrar o que viu e ouviu de fontes não-oficiais: “(...) a partir de rápidas observações e conversas com alguns presos, foi possível enxergar que nem todos os detentos possuem colchões para dormir. Nesse caso, o chão frio também funciona como cama”³ (AMORIM, 2012).

O universitário Aparecido Marden, em reportagem sobre os públicos que frequentam um ponto turístico de Alto Taquari\MT (a 63 km de Alto Araguaia), investe no tom descritivo. Cita elementos da paisagem e funcionamento da dinâmica do local, expondo diferenças entre os dois lados do lago (ou “praia de água doce”⁴):

Na praia A, os moradores locais e os visitantes encontram calçadas para fazer caminhada, alguns pés de coqueiro em fase de crescimento e chuveiros em forma de ave com água encanada para um banho pós-lago. Além disso, há um local para saída e chegada de barcos. [...] Já na praia B existe apenas areia, um chuveiro temático e redes de vôlei. (MARDEN, 2012)

Numa entrevista pingue-pongue a estudante Gabriela Corsino (2012) cita, brevemente entre parênteses, uma reação marcante do entrevistado, até então com um discurso inabalável: “(O entrevistado ficou pensativo) Sim, são bem-vindos desde que eles aceitem a mudança que Deus está disposto a fazer na vida deles”⁵. Foi dessa maneira que o pastor da Igreja Presbiteriana Renovada de Alto Araguaia, Oliveira Neto, respondeu à pergunta ”Homossexuais são bem-vindos na sua igreja?”.

Reflexão teórica sobre a aprendizagem colaborativa

Avançando na discussão teórica para compreender conceitualmente onde se insere o “laboratório de sentidos” enquanto experiência pedagógica menciona-se

³ Disponível em: <<http://focagen.wordpress.com/2012/06/21/uma-viagem-por-dentro-da-unidade-prisional-de-alto-araguaia/>>. Acesso em: 26/04/2013.

⁴ Disponível em: <<http://focagen.wordpress.com/2012/06/21/174/>>. Acesso em 26/04/2013.

⁵ Entrevista disponível em: <http://focagen.wordpress.com/2013/01/04/oliveira-as-ideias-de-um-jovem-pastor/>. Acesso em: 26/04/2013.

Wolton. Para o pensador, o século XXI pode ser sintetizado em como a humanidade vai conduzir a relação comunicação-identidade-cultura, que se atravessa por uma multiplicidade de sentidos e interesses decorrentes da globalização e requer atitudes de bases humanísticas, com vistas uma mudança de paradigma:

Essa revolução obriga a um reexame das relações entre informação e comunicação. Durante muito tempo, as duas, tão raras quanto preciosas, estiveram em posição de igualdade. [...] Hoje a informação leva vantagem sobre a comunicação. [...] Amanhã uma terceira etapa se abrirá [...] Aquela em que a realidade da incomunicação obrigará a construir a coabitação. (WOLTON, 2006, p. 222-223)

Nesse sentido é que, de maneira minúscula perante o movimento global, porém ancorado pela sintonia com um projeto maior de humanidade, se investe em experiências pedagógicas como a do “laboratório de sentidos”. Estimular o uso dos sentidos, algo tão elementar que se torna desmerecido pelo discurso adesista às tecnologias virtuais, é uma tentativa local, que busca se enraizar numa comunidade estudantil na perspectiva de tornar mais viva a sociedade da comunicação.

Essa experiência é uma espécie de ação concentrada quanto ao que recomendam pesquisadores do jornalismo e profissionais da área. Mirar os olhos do entrevistado, perceber sinais expressivos (de nervosismo, desleixo, sofrimento, alegria desmedida), observar o cenário da notícia, atentar-se para cenas e situações estranhas (ERBOLATO, 2004; LAGE, 2001; SODRÉ E FERRARI, 1986), são, entre outros, procedimentos amplamente indicados em livros, palestras e salas de aula. Contudo, existe uma prevalência da visão, que ofusca a importância do uso dos demais sentidos, desnaturalizando sua interconexão com os outros e atrofiando-os.

Em relação ao processo ensino-aprendizagem, o “laboratório de sentidos” constitui-se numa dinâmica de caráter lúdico, compreende a sala de aula como espaço físico e lugar social acolhedor, participativo e dialógico e amplia a noção de ambiente de aprendizagem. Tais pontuações se opõem a modelos defasados ou restritivos, apesar de presentes em inúmeras instituições e no imaginário coletivo, que se expressam como a relação entre quem detém o conhecimento (professor) e quem o ignora (aluno), a partir de uma educação predominantemente expositiva e hierárquica ou fortemente utilitarista. Essas perspectivas são perpetradas inclusive com o auxílio da tecnologia, visto ser comum salas de aula dotadas de computadores com acesso à *internet* e

projetores de *slides* a serviço do tom expositivo-transmissivo, o que se questiona com o “laboratório de sentidos”, experiência ligada à aprendizagem colaborativa.

Nessa modalidade os interlocutores (professor e estudantes) procuram descentralizar seus pontos de vista a fim de compreenderem os dos demais, criando um fluxo de informações e conhecimentos aberto a novos entendimentos da realidade, marcado pela produção coletiva e a multidisciplinaridade (VALENTINI, 2003).

A aprendizagem colaborativa também é caracterizada por um ambiente heterárquico: com “autonomia na colaboração; inexistência de regras fixas e impostas (presença de negociação); dinâmica do ambiente flexível, no sentido de possíveis reorganizações; relações horizontais, fundamentadas nas ideias de respeito mútuo e de moral autônoma” (CARÊS; TENTOR, 2004: 21-22).

Entende-se que o “laboratório de sentidos” pode ser visto como integrante da aprendizagem colaborativa porque nele o ambiente educativo envolve a extensão da instituição e seus arredores (não só um espaço fechado). Faz-se fluído pela alternância dos atos de se deslocar e ficar sentado. Não se vale de um conteúdo limitado, porque o mesmo se alarga e se aprofunda por meio das contribuições levantadas pelos estudantes. Não possui um desfecho previsível, que depende das percepções despertadas e produzidas pelo aguçamento dos sentidos e andamento da socialização.

Ressalta-se, também, o papel do professor, de apresentar a dinâmica para estimular uma participação efetiva dos acadêmicos e mediar descobertas, análises e ponderações dentro de um amplo arcabouço teórico, que envolva sensação, comunicação, jornalismo, humanização no relato dos fatos e interesse público.

Considerações

A experiência do “laboratório de sentidos” corresponde a uma formulação pedagógica com real capacidade de ampliar o uso do ferramental da apuração, possibilitando maior precisão e sensibilidade no processo jornalístico. Chegou-se a esse entendimento a partir de avaliações pós-exercícios, marcas perceptivas e registro de que o uso dos sentidos foi mencionado pelos estudantes em aulas subsequentes.

A recepção positiva dos universitários foi expressa pelo caráter descontraído (risos, gargalhadas, gracejos) e intenso fluxo de contribuições, apontando seu potencial lúdico. Os acadêmicos disseram que foi possível entender a aplicação dos exercícios no trabalho jornalístico e que suas execuções auxiliaram quanto à concentração e à estipulação de foco na coleta de dados.

Mais especificamente, notou-se que o laboratório: estimula o nível de detalhamento no registro de informações; instiga uma postura de ampliação do repertório sociocultural; testa as capacidades perceptivas dos acadêmicos; incentiva a sociabilidade entre eles; tem um caráter marcante em termos de aplicabilidade. Além disso: demonstra a importância de se acompanhar *in locu* os acontecimentos para conhecer como funciona a sociedade e quais são os papéis sociais presentes em cada setor da realidade; incita uma posição crítica quanto a respostas genéricas e estritamente formais; e aumenta o senso de praticidade no sentido de saber onde buscar informações para construir o material jornalístico.

Referências

- AMORIM, Carmem. *Uma viagem por dentro da unidade prisional de Alto Araguaia*. Focagen, 2012. Disponível em: <<http://focagen.wordpress.com/2012/06/21/uma-viagem-por-dentro-da-unidade-prisional-de-alto-araguaia/>>. Acesso em: 26/04/2013.
- LOBO, Flávio. Existe jornalismo imparcial? *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, ano 6, n. 65, p. 22-23, dez. 2012.
- CARÊS, Liliane Catty; TENTOR, Sônia Bastos. *Ambientes de aprendizagem*. Bauru: EUDSC, 2004.
- CORSINO, Gabriela. *Oliveira: as ideias de um jovem pastor*. Disponível em: <http://focagen.wordpress.com/2013/01/04/oliveira-as-ideias-de-um-jovem-pastor/>. Acesso em: 26 de abril de 2013.
- ERBOLATO, Mário. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRANCISCATO, 2006. Jornalismo, ciência e senso comum: contribuições do método científico para a reportagem jornalística. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS

PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 15, 2006, Bauru. *Anais eletrônicos...* Bauru: Compós, 2006, p. 1-15.

GIROLDI, Vanessa. *Asilo em Santa Rita acolhe doentes e abandonados*. Focagen, 2012. Disponível em: <<http://focagen.wordpress.com/2012/12/20/asilo-em-santa-rita-acolhe-doentes-e-abandonados/>>. Acesso em: 26/04/2013.

HERSEY, John. *Hiroshima*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. São Paulo: Ática, 2005.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo – o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. 2. ed. São Paulo: Geração, 2004.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. São Paulo: Record, 2001.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LOBO, Flávio. Existe jornalismo imparcial? *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, ano 6, n. 65, p. 22-23, dez. 2012.

LOPES, Dirceu Fernandes. *Jornal laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*. São Paulo: Summus, 1989.

MARDEN, Aparecido. *Lago em Alto Taquari une e separa públicos*. Focagen, 2012. Disponível em: <<http://focagen.wordpress.com/2012/06/21/174/>>. Acesso em: 26/04/2013.

MARTINS, Franklin. *Jornalismo político*. São Paulo: Contexto, 2005.

MELO, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. São Paulo: Vozes, 1994.

MÜLHAUS, Carla [entrevistados] Ana Arruda... et al. *Por trás da entrevista*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. 7. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

ROVAI, Renato. *Midiático poder: o caso Venezuela e a guerrilha informativa*. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. Summus, 1986.

TCHÉKHOV, Anton. *Um bom par de sapatos e um caderno de anotações – como fazer uma reportagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VALENTINI, Carla Beatris. Interação em ambiente virtual de aprendizagem: redes sociocognitivas e autopoieticas. *Revista Digital da CVA*. Ricesu, Volume 3, Número 11, Julho de 2006, PP. 1-9. Disponível em: <<http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/view/78> >. Acesso em: 27/04/2013.

WOLTON, Dominique. *É preciso salvar a comunicação*. São Paulo: Paulus, 2006.